

A “fraseologia portuguesa” no *Dictionarium Lusitanicolatinum* (1611), de Agostinho Barbosa: breves apontamentos

Maria Filomena Gonçalves
Universidade de Évora /CIDEHUS-UÉ/FCT.
filomenagoncalves@sapo.pt

Data de receção do artigo: 09-06-2013

Data de aceitação do artigo: 13-06-2013

Resumo

Neste artigo analisam-se os tipos de fraseologia presentes no *Dictionarium Lusitanicolatinum* publicado em 1611 pelo lexicógrafo português Agostinho Barbosa (1590-1649). Este dicionário bilingue (Português-Latim) é o segundo mais antigo na história da lexicografia portuguesa e amplifica a nomenclatura compilada no dicionário anterior, publicado por Jerónimo Cardoso (c.1540-c-1569) em 1562. Este trabalho centra-se nos diferentes géneros de expressões fixas – as expressões idiomáticas, por exemplo – e nos enunciados paremiológicos ou provérbios.

Palavras-chave: Lexicografia portuguesa – fraseologia – expressões idiomáticas – provérbios – século XVII.

Abstract

This article aims to analyze the types of phraseology included in the *Dictionarium Lusitanicolatinum*, published in 1611, by the Portuguese lexicographer Agostinho Barbosa (1590-1649). This bilingual dictionary (Portuguese–Latin) is the second most old dictionary in the history of Portuguese lexicography and amplifies the former lexicon compiled by the humanist Jerónimo Cardoso (c.1540-c-1569) in 1562. This paper focuses on the typology of syntagmatic word combinations – such as idiomatic expressions – and paremiological sentences or proverbs.

Keywords: portuguese lexicography – phraseology – idiomatic expressions – proverbs – 17th century.

1. Preâmbulo

Entre as obras que inauguram a lexicografia em Portugal conta-se o *Dictionarium Lusitanicolatinum*, de Agostinho Barbosa¹ (1590-1649), autor que segue a esteira de Jerónimo Cardoso (c.1540-c-1569), que em 1562 (Almeida 1959, 2002) já havia publicado o *Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem*², obra que, ao contrário da barbosiana (Almeida 1965; Verdelho 2007: 14), só conheceu uma impressão. Tal facto não diminui o valor metalexigráfico e lexical da segunda obra da dicionarística portuguesa pois, como bem assinala Verdelho (2007: 15):

[...] para além do seu *corpus* latino ser autorizado, oferece muitos exemplos de acumulação sinonímica na parte portuguesa e uma frequente textualização das entradas, com prejuízo da ordenação alfabética: “Despontar, i. rebotar, ou desfazer, ou tirar a ponta.../Despor, aliàs ordenar.../Despor aruores... /Desposição boa, i. saúde.../Bem desposto, i. estar bem desposto, & ter saude.../Bem desposta cousa i. que tem saude.../Má, ou roym desposição, aliàs pouca saude.../Mal desposta cousa, aliàs doentia, & que tem pouca saude.../ Bem desposta cousa do corpo, aliàs bem feyta do corpo.../Desposição do corpo...” (col. 378).

Por ser a segunda obra da história da lexicografia portuguesa (Verdelho 1994, 1995) o *Dictionarium Lusitanicolatinum iuxta Seriem Alphabetica* tem sido objeto de estudo quer quanto à técnica lexicográfica, quer no que tange à sua nomenclatura (Almeida 1965; Head 2004, 2007; Verdelho 1995, 2007).

Neste trabalho colocar-se-á o foco analítico no domínio da fraseologia, uma vez que, além das unidades lexicais que define e confronta com as correspondentes latinas, Agostinho Barbosa intercala

¹ Embora se prescindia de uma síntese biográfica do lexicógrafo (Almeida 1965), salienta-se apenas o que reza na folha de rosto: era natural de Guimarães e o *Dictionarium* foi impresso em Braga, às custas do impressor Frutuoso Lourenço de Basto. Em 2007, Brian Head organizou a 2ª edição, fac-símile, acompanhada de uma Introdução do mesmo autor. Neste trabalho, segue-se esta edição.

² Com efeito, a obra de Jerónimo Cardoso (Almeida 2002) conheceu oito edições, respetivamente em 1613, 1619, 1630, 1643, 1677, 1614, 1695 e 1695. Segundo Almeida (1965: 32), a diferente sorte editorial dos dicionários de Cardoso e de Barbosa explicar-se-ia pelo facto de a obra deste não substituir os três dicionários daquele, porquanto dois deles passaram a compor um único volume a partir de 1570. Por outro lado, tanto a dedicatória a D. Prudêncio de Sandoval, Bispo de Tui e cronista do rei Filipe II, como a saída de Portugal, depois da Restauração (1640), parecem sustentar a preferência pela obra de Jerónimo Cardoso.

um bom número de unidades fraseológicas na sua nomenclatura. Apesar de este procedimento interferir na normal “ordenação alfabética”, consoante acima foi salientado (Verdelho 2007: 15), permite a disponibilização de uma abundante “textualização das entradas” (Verdelho *ibid*) que, feita a partir da “fraseologia portuguesa”, possibilitava uma elucidação semântica bastante económica mas muito enriquecedora. Não se trata propriamente de uma singularidade de Agostinho Barbosa, na medida em que, conforme mostra Colón-Domenech (2004), já no *Dictionarium* do humanista Jerónimo Cardoso se deteta a receção da *Adagiorum collectanea* (1500)³, de Erasmo de Roterdão (1467/69-1536), em cuja primeira impressão se contavam 838 adágios com a respetiva explicação. Em 1508, a obra erasmista passou a intitular-se *Adagiorum Chiliades* (“Milhares de adágios”)⁴, título citado por Agostinho Barbosa no seu *Dictionarium Lusitanicolatinum*, como se observa no exemplo seguinte: “Ao roym, roym, & meyo” [...] Adag. Erasmus in Chiliad.” (col. 953). Além de Erasmo, autores da Antiguidade como Cícero, Horácio, Ovídio, Plínio e Terêncio também serviram de fonte de boa parte da fraseologia disponibilizada pelo lexicógrafo vimaranense.

O gosto seiscentista pela sonoridade e expressividade, pela concisão formal e semântica destes “enunciados” manifestou-se na elaboração de textos “paralexográficos” (Verdelho 1995: 293) que compilavam unidades fraseológicas de diferentes tipos. Em Portugal, as primeiras coleções desse género foram publicadas por dois alentejanos: António Delicado (1610?-), natural de Alvito, e que foi “prior Parochial da Igreja de Nossa Senhora da charidade, termo da cidade de Euora”, segundo informa a portada dos *Adagios portuguezes reduzidos a lugares comuns* (1651), e o jesuíta Bento Pereira (1605-1681), natural de Borba, que reuniu um *Florilegio dos modos de falar e Adagios da Lingoa Portuguesa* (1655)⁵ para servir de complemento à *Prosodia* (1634)⁶ e ao *Thesouro da Lingoa Portuguesa* (1647)⁷, duas

³ São conhecidos simplesmente como *Adagia*.

⁴ Com este título, a obra conheceu nove edições, sendo que à data da morte de Erasmo a coletânea compulsava já 4151 adágios (Puig 2008).

⁵ A partir de 1661, passa a ser publicado juntamente com a *Prosodia* e o *Thesouro* do mesmo autor (Verdelho & Silvestre 2007). Sobre o *Florilegio*, ver: Gonçalves (2009).

⁶ Segundo Verdelho (2007: 17), a *Prosodia* “era um volumoso manual escolar composto por um dicionário amplíssimo de latim-português, ao qual se juntou, a partir de 1661, um dicionário do português-latim *Thesouro da língua portuguesa* (que fora primeiramente impresso autonomamente em 1647) e, ainda, um conjunto de textos

obras magnas da chamada “escola lexicográfica eborense” (Almeida 1967; Messner 2012: 294).

Excelente exemplo do uso retórico-estilístico dos enunciados fraseológicos, a *Comédia Eufrosina* (1555), de Jorge Ferreira de Vasconcelos, caracteriza-se precisamente pelo recurso a inúmeras parémiás e fraseologismos (Chacoto 2007; Postigo 2007), vale dizer, provérbios e expressões idiomáticas. Com efeito, tal como afirma Bagão (2007: 190) a propósito dos primeiros, a sua utilidade deriva da “riqueza polifónica e polissemântica”, obtida sobretudo por meio da metáfora (Gonçalves 2005), motivo por que apelam à capacidade interpretativa de quem as ouve ou lê, ainda que ofereçam “geralmente meios de autodescodificação” (Bagão *ibid.*). Assim, a publicação de “adagiários” no século XVII prender-se-á com a funcionalidade linguística e literária dos enunciados proverbiais neles reunidos, uma vez que convocavam e aguçavam o engenho interpretativo do leitor. Ora, além de ser um procedimento lexicográfico que traduz a valorização de um património transmitido predominantemente pela oralidade, a inclusão de provérbios e expressões não proverbiais, no dicionário, é uma maneira concisa e bastante didática de (con)textualizar as unidades lexicais, auxiliando, deste modo, o exercício retórico e oratório. Iniciada no século XVI, a incorporação de enunciados fraseológicos pertencentes à tradição oral e à memória coletiva culminaria no *Vocabulario Portuguez, e Latino* (1712-1721), de Rafael Bluteau (Gonçalves 2005), que lhes concedeu um papel privilegiado na abonação da sua abundantíssima nomenclatura.

2. Fraseologia e dicionário

Antes de se passar à análise dos tipos de enunciados e expressões presentes no rol lexical de Agostinho Barbosa, abre-se um

paralexicais (*Frases portuguesas a que correspondem as mais puras e elegantes latinas; Adágios portugueses com seu latim proverbial correspondente; e uma Tertia pars selectissimarum descriptionum, quas idem auctor uel olim a se compositas, vel probatissimis scriptoribus emendicatas alphabetico ordine digessit*) que serviam para a aprendizagem escolar e para exercitação da escrita e da oratória”.

⁷ Este dicionário, “quase sem ser alterado, foi reproduzido em sucessivas reedições durante o século XVII, com cerca de 24.000 entradas que se mantiveram mesmo depois da grande revisão da *Prosodia* de 1697 (com a qual continuou a ser publicada de década em década, até 1755), prefigurando já toda a capacidade de inovação do vocabulário moderno” (Verdelho 2007: 17).

parêntesis para introduzir algumas considerações conceptuais, já que os atuais estudos fraseológicos impõem uma distinção entre a paremiologia, que investiga as parémias (provérbios), e a fraseologia, que estuda as expressões, frases fixas e “fórmulas rutinarias” (Corpas 1996: 271) que, não obstante terem afinidade com as parémias, não comungam das propriedades distintivas destas. Na verdade, a proliferação terminológica (Postigo 2007) e a dificuldade em distinguir um domínio do outro detetam-se já nas definições oferecidas por D. Rafael Bluteau (1712-1721), para quem o “adagio” era uma “sentença, cômum, popular, & breve com allusão a alguma cousa” (Bluteau, 1712: 119), o “Proverbio” equivalia a “adagio, rifaõ” (Bluteau 1720: 805) e o “anexim” (Bluteau 1712: 372-373), por sua vez, um “axioma popular. Dito picante, como aquelles de q̃ commumente usaõ Regateiras, & gente popular”. O “Refrão” ou “rifaõ” (Bluteau 1720: 334) correspondia a “adagio”. Já a “sentença”, definida como “dito grave, de poucas palavras, & com algum documento moral” (Bluteau 1720: 586), corresponde a “máxima” (Bluteau 1720: 371), vale dizer, um “Axioma, ou principio, ou fundamento de alguma arte, ou *Sciencia*”, remetendo deste para “Aphorismo ou aforismo” (Bluteau 1712: 426). Ademais destes, Bluteau define ainda “apophthegma, ou apothema, ou apotegma” como “uma breve sentença, pronunciada por algũ varaõ illustre” (Bluteau 1712: 433). Se as definições acima, divergindo embora dos atuais princípios da técnica lexicográfica, mostram certa circularidade definitória, também traduzem a dicotomia entre um registo sociolinguístico popular (“vulgar” e “chulo”) e outro mais polido ou erudito. É de realçar que Bento Pereira (1655) já havia manifestado consciência dos diferentes tipos de sequências ou unidades fraseológicas, consoante se depreende do título – *Florilegio dos modos de falar e Adagios da Lingoa Portuguesa* –, no qual distingue os “modos de falar” dos “adágios”, distinção que parece coincidir com a diferença hoje consensualizada no seio da Fraseologia, como disciplina linguística, e segundo a qual as unidades têm diferente classificação em função das suas propriedades formais, sintáticas, semânticas e pragmáticas.

Não sendo propósito deste trabalho confrontar as diversas perspectivas ou abordagens teóricas no domínio da Fraseologia⁸, adota-

⁸ Dentre os autores que se têm dedicado à fraseologia e à fraseografia, refiram-se os seguintes: Thun (1978), Zuloaga (1980), Haensch (1982), Fernández-Sevilla (1985),

-se a classificação proposta por Corpas Pastor (1996), a cuja luz será analisado o *corpus* extraído do *Dictionarium Lusitanicolatinum* (1611), de Agostinho Barbosa. Assim, identificar-se-ão casos representativos de algumas das esferas propostas pela referida autora (Corpas 1996: 270-271), a saber, os “enunciados fraseológicos”, caracterizados por serem atos de fala, fixos – interna e externamente –, neles se incluindo, por um lado, as parémiás e, por outro, as chamadas “fórmulas rutinárias” (“discursivas” e “psico-sociais”) e as “locuções”⁹, vale dizer, unidades fraseológicas que constituem elementos oracionais. As parémiás ou enunciados proverbiais distinguem-se das “fórmulas rutinárias” por possuírem significado referencial, ao invés destas, cujo significado é de tipo social (Pastor 1996: 132-133).

Desta feita, a análise do *Dictionarium Lusitanicolatinum* centrar-se-á nos provérbios e nas locuções, pondo de remissa as “colocações”¹⁰.

3. Fraseologia no *Dictionarium Lusitanicolatinum* (1611)

Encerrado este brevíssimo excurso pelo contexto lexicográfico e pelo quadro teórico que emprestam o pano de fundo à análise do *corpus* fraseológico compulsado a partir do *Dictionarium* de Agostinho Barbosa, vejam-se a seguir alguns exemplos dos vários tipos de “fraseologia”. Antes, porém, importa salientar que, com exceção das notas de Head (2004: 146-147)¹¹, este assunto não tem merecido a devida atenção.

Wotjak (1998); Corpas Pastor (1996, 2000, 2003); Wray (2002), Alonso Ramos (2006), Burger (2007) e Sevilla Muñoz (2012).

⁹ Para Pastor (1996: 88), as “locuções” correspondem, por sua vez, a “unidades fraseológicas del sistema de la lengua con los siguientes rasgos distintivos: fijación interna, unidad de significado y fijación externa pasemática”. Distinguem-se das “combinações livres de palavras” pela sua coesão semântica e morfossintática (Pastor 1996: 89).

¹⁰ De acordo com Corpas Pastor (1996: 53), as “colocações” são “unidades fraseológicas que, desde el punto de vista del sistema de la lengua, son sintagmas completamente libres, generados a partir de reglas, pero que, al mismo tiempo presentan cierto grado y restricción combinatoria determinada por el uso (cierta fijación interna). [...] Al igual que las locuciones, no constituyen enunciados ni actos de habla por si mismas”.

¹¹ De facto, o autor não esclarece o seu conceito de “fraseologia”, não estabelece qualquer tipologia fraseológica, nem procede à desrincão teórica entre UFs (Unidades Fraseológicas) e parémiás ou provérbios. Brian Head parece pôr de remissa este género de enunciados, a cujo respeito acrescenta: “Outros tipos de fraseologia em português no dicionário de A. Barbosa incluem os adágios portugueses e as traduções de adágios latinos que se inserem nos verbetes dalgumas palavras e frases. São algumas centenas

A obra do lexicógrafo vimaranense ilustra vários dos procedimentos inerentes à técnica lexicográfica, uma vez que no *Dictionarium* se encontram definições sinonímicas e perifrásticas¹² (Gonçalves 2005, 2009). No entanto, apenas as segundas, de acordo com a teoria lexicográfica, são analíticas, motivo por que costumam ser preferíveis às primeiras. Segundo Porto Dapena (2002: 290), uma definição perifrástica ou analítica pode ser substancial ou relacional, sendo que uma procura dizer o que é a entrada (*definiendum* "definido") e a outra trata de relacionar a entrada com outra unidade lexical da mesma língua (Porto Dapena 2002: 269). Na obra de Agostinho Barbosa, a definição sinonímica é introduzido por "aliàs" ou ".i." (*idem*), ao passo que a perifrástica tanto dispensa um elemento de ligação, aparecendo tão só uma vírgula, como é introduzida por um transpositor "que", pelo substantivo "cousa", pelo verbo "ser" (*he o mesmo que*), por outro verbo ou, simplesmente ".i.". Ora segundo Head (2004: 135-136), ao analisar a "indicação de opções no uso, sem identificação de tipo de variante", no *Dictionarium* de Agostinho Barbosa, o advérbio "aliàs" cumpre a função de averbar uma unidade equivalente ou alternativa, se bem que em certos casos o lexicógrafo pareça preferir a segunda unidade, o que fortalece hipótese de esta ser mais recente ou mais usada ao tempo do autor. Os seguintes exemplos traduzem bem a equivalência (sinonímica ou perifrástica) entre unidades conectadas por "aliàs", ao invés daqueles em que o autor manifesta, de facto, preferência pela segunda unidade. Assim, as entradas *Bulrosamente, aliàs com bulra* (col. 169), *Buracar, aliàs furar, ou fazer buracos* (col. 170), *Cabeçada, aliàs erro* (col. 172), *Caçapo, aliàs Laparo*¹³ col. 175) atestam que as unidades eram vistas como equivalentes, ainda que as segundas, não raro, fossem mais cultas do que a primeira, cuja origem era popular ou vernácula. Em outros casos, o lexicógrafo limita-se a destacar a unidade, simples ou

em número" (Head 2004: 148). Acrescentando depois: "O uso de frases em português para identificar ou explicar o significado de entradas lexicais também é mais frequente e está mais desenvolvido no *Dictionarium Lusitanocolatinum* de A. Barbosa do que no dicionário de português-latim de J. Cardoso" (Head 2004: 147). Sobre os adágios no primeiro lexicógrafo português, veja-se Teyssier (1980).

¹² Segundo Porto Dapena (2002), em muitos dicionários as definições são "mistas".

¹³ Com efeito, "caçapo" (Houaiss 2001), que nomeia o "filhote de coelho", constava da nomenclatura de Jerônimo Cardoso (1562), ao passo que "lápapo" teria a primeira atestação em Bluteau (1716). Como facilmente se desprende do exemplo de Agostinho Barbosa, "lápapo" já tem atestação em 1611, o que equivale a dizer que esta obra permite antedatar algumas unidades lexicais.

complexa, com a correspondente perífrase descritiva em latim; porém, sem a definir em português, conforme se observa em *Chapeo cuscuzeiro* (col. 298)¹⁴, denominação de um chapéu cuja copa tinha formato de cone, e a cujo respeito Barbosa nada informa. Outro tanto se observa a respeito de *vento Galego* (col.1076), nome de um vento forte que, vindo da Galiza, sopra de noroeste (Pratt 1916: 122).

A ausência de um sinónimo ou de uma perífrase descritiva / explicativa permite colocar duas hipóteses: ou o referente nomeado era sobejamente conhecido no século XVII, a ponto de dispensar qualquer definição, ou a perífrase latina bastava para o consulente (culto) do dicionário de Barbosa.

Na Tabela 1, fica exemplificada tanto a definição sinonímica como a perifrástica, sendo que esta descreve o referente nomeado pelo lema ou explica o significado deste, procedimentos que, por um lado, enriquecem o dicionário graças à textualização e aos usos apontados mas, por outro lado, interferem na normal ordenação do dicionário, já que a inserção desse género de "fraseologia" descontinua o critério alfabético (cf. Tabela 2).

Tabela 1¹⁵

Definição sinonímica	Definição perifrástica
<i>Abobara pequena, aliàs, cabacinha</i> (co. 6)	<i>Abarcar he o mesmo que abraçar alguém, lingoagem muyto usado entre Douro, & Minho</i> (col 4).
<i>Abranger, aliàs abarcar</i> (col. 8)	<i>Abelharuco, aue que come as abelhas</i> (col.6)
<i>Acolherse, aliàs, fugir</i> (col. 14)	<i>Acepilhaduras .i. cauacos, q̃ faz o cepilho</i> (col. 22)
<i>Acossar, aliàs, perseguir</i> (col. 17)	<i>Aconselhador, que da conselho</i> (col. 16)
<i>Adail .i. guia</i> (col. 27)	<i>Chocar á galinha, ou outra cousa qualquer, i. estar em choco sobre os Ovos</i> (col. 301)
<i>Afazerse, aliàs acostumarse</i> (col.17)	<i>Copo de Roca [...] Chamase no nosso Douro, & Minho Manelo¹⁶ de láa, ou de estopa</i> (col. 256)

¹⁴ Houaiss (2001), que aponta 1597 como primeira datação, confirma tratar-se de "chapéu que apresenta forma cônica".

¹⁵ Tanto nesta como nas Tabelas seguintes, mantém-se a grafia dos textos originais.

<i>Agrauo, aliàs ofensa</i> (44)	<i>Batalhador – cousa que pertence a batalha</i> (col. 148)
<i>Apartamêto, aliàs logar escuro, e secreto</i> (col. 92)	<i>Borcelo de pão, he o mesmo, que bocado de pão</i> (col. 161)
<i>Borraõ, aliàs, minuta</i> (col. 162.)	<i>Betilho</i> ¹⁷ , <i>que poem na boca ao gado quando debulha</i> (col. 155)
<i>Còr, vontade, ou desejo</i> (col. 258)	<i>Bem querer, he o mesmo que amar</i> (col. 153)
<i>Tronco, aliàs prisão de escravos</i> (col.1057)	<i>Rede de pescar, que por outro nome se chama nassa</i> (col. 918)

Na tabela abaixo comprova-se que a inserção de “cousa de anos” perturba a ordem alfabética.

Tabela 2

Entrada	“Subentradas” (autónomas)
Asno (col. 123)	<i>Asna</i>
	<i>Asno</i>
	<i>Asninho</i>
	<i>Asno brauo</i>
	<i>Asninho brauo</i>
	<i>Asno, morto ceuada ao rabo</i>
	<i>Asnidade</i>
	<i>Cousa de asnos</i>
	<i>Asneiro</i>

Com efeito, este exemplo ilustra bem os critérios lexicográficos do século XVII, a saber: entradas separadas para os derivados (*asninho*) e as unidades complexas, para as combinações sintagmáticas (*asno brauo*, *asninho brauo*), a locução nominal (*Cousa de asnos*) e os

¹⁶ De acordo com Houaiss (2001), significa “pequena porção de coisas que é possível abranger na mão; mancheia, punhado”, e tem a primeira atestação em Bluteau (1716). Para Agostinho Barbosa, esta palavra é um regionalismo. Como é evidente, graças a este lexicógrafo é possível retrodatar esta unidade, situando-a, pelo menos, nos inícios do século XVII.

¹⁷ Segundo Houaiss (2001), “betilho” tem o primeiro registo em Bluteau (1712), com a seguinte aceção: “espécie de mordaça ou buçal de bois usado durante a debulha, para impedi-los de comer os grãos da eira”.

enunciados proverbiais (*Asno morto, ceuada ao rabo*). Note-se que “asnidade”, derivado de “asno”, segundo Agostinho Barbosa era já sinónimo de “parvoíce”, significado que se mantém até à atualidade, consoante confirma Houaiss (2001), ainda que este dicionário contemporâneo não ofereça datação para aquela unidade, quando, afinal, à vista da nomenclatura do lexicógrafo seiscentista, o substantivo “asnidade” está já averbado em 1611. Este desdobramento em abundantes entradas autónomas oferece casos ainda mais curiosos, consoante se observa na entrada “agoa” (col. 41), com a qual se relacionam 37 (sub)entradas ilustrativas de distintas combinações e locuções:

Tabela 3

Agoa (col. 41-42)	<i>Agoa q̃ corre</i>
	<i>Agoa ardente</i>
	<i>Agoa benta</i>
	<i>Pia de agoa benta</i> ¹⁸
	<i>Agoa q̃ nace em algum outeiro</i>
	<i>Agoa amargosa</i>
	<i>Agoa de Cisterna</i>
	<i>Agoa de chuua</i>
	<i>Agoa de Charco</i>
	<i>Agoa forte</i>
	<i>Agoa de fonte</i>
	<i>Agoa sem fundo</i>
	<i>Agoa de lagóa</i>
	<i>Agoa de limos</i>
	<i>Agoa de poço</i>
	<i>Agoa rosada</i>
	<i>Agoa de Rio</i>
<i>Agoa mel</i>	
<i>Agoa estilada</i>	
<i>Agoa pè</i>	
<i>Agoa de neue</i>	

¹⁸ Note-se a interferência deste procedimento lexicográfico na ordem alfabética.

	<i>Agoa quente</i>
	<i>Agoa morna</i>
	<i>Agoa ruça do azeyte</i>
	<i>Agoa represada</i>
	<i>Agoa serenada</i>
	<i>Agoa de ferreiro</i>
	<i>Agoacenta cousa</i>
	<i>Cousa ã nace, ou uiue na agoa</i>
	<i>Agoadeiro</i>
	<i>Agoadeyro do arrayal</i>
	<i>Ir buscar agoa</i>
	<i>Tirar agoa do poço</i>
	<i>Cousa de agoa, ou ã tem humor de agoa</i>
	<i>Agoas uiuas</i>
	<i>Agoar o vinho</i>
	<i>Vinho agoado</i>

3.1. Os provérbios no *Dictionarium Lusitanicolatinum* (1611)

À luz do quadro taxonómico adotado por Corpas Pastor (1996: 136), o provérbio é a “parémia por excelência”, visto concentrar as cinco propriedades que as diferenciam de outros enunciados, a saber: a lexicalização, a autonomia sintática e textual, o valor de verdade geral e o carácter anónimo (Corpas 1996: 148). De facto, do ponto de vista sintático, o provérbio ou a parémia¹⁹ é um enunciado curto e conciso, cuja estrutura é mono ou bi-oracional, e que pode funcionar sem núcleo verbal obrigatório. Do ponto de vista fónico, o provérbio caracteriza-se pelos jogos rimáticos e pelas aliterações que lhe conferem uma sonoridade própria, favorecendo, pois, a sua memorização e transmissão oral. Às propriedades anteriores, acresce o

¹⁹ Do gr. *paroimía,as*, segundo Houaiss (2001), em português a unidade está atestada desde 1685, com o significado de “provérbio ou alegoria breve”. Para nomear “obra, estudo a respeito de parémias”, o termo “paremiologia” terá, também de acordo com Houaiss (2001), o seu primeiro registo em Fr. Domingos Vieira (1873: 667). No seu *Grande Diccionario Portuguez*, além de paremiologia define “parémia” como “espécie de ironia que significa por um dictado uma cousa a que aludimos. – *Ensinar o Padre nosso ao Vigario é uma verdadeira parémia*”.

significado metafórico da parémia, e bem assim certas particularidades fónicas, estruturas sintáticas particulares e o seu carácter tradicional (Corpas 1996: 150). No entanto, quer nos adagiários antigos, quer nos atuais, os autores compilam provérbios mas também muitas locuções, situação que Corpas Pastor (1996: 151) explica com base na partilha de traços – a coesão semântica, o artifício formal e a sua institucionalização social –, motivo por que às locuções se têm aplicado provas como a substituição e a eliminação de um dos seus constituintes e, ainda, a prova da deficiência transformativa (Corpas: 89-90). Assim, por exemplo “vender gato por lebre”, fraseologismo incluído por António Delicado e Bento Pereira nos respetivos adagiários, não é um provérbio, mas antes uma locução.

O propósito desta secção é apresentar uma amostra dos provérbios encontrados no *Dictionarium Lusitanicolatinum*, de Agostinho Barbosa, que deles se socorre para textualizar certos lemas. A Tabela a seguir reúne provérbios começados por “Quem” ou por um verbo, alguns dos relativos a animais e outros de diferente categorização semântica ou formal, o que revela a riqueza da obra de Barbosa no que tange à atestação destas unidades, antes mesmo de a maioria ser arrolada num adagiário.

Tabela 4

Provérbios com “Quem”
<i>Quem tolo vay a Santarem, tolo vem</i> (col. 900)
<i>Quem ama Beltrão, ama seu cão</i> (col. 900)
<i>Quem he vosso inimigo, homem do vosso officio</i> (col. 900)
<i>Quem quiser comer, trabalhe</i> (col. 900)
<i>Quem quiser conhecer o roym dé lhe officio</i> (col. 237)
<i>Quem torto nace, tarde, ou nunqua se endireyta</i> (col. 900)
<i>Quem com o Diabo caua a vinha, com o diabo a uindima</i> (col. 900) ²⁰
<i>Quem não tem que coma, hospede conuida</i> (c. 900)
<i>Quem as bragas não ha doyto. As costuras lhe fazem nojo</i> (col.164)

²⁰ Significa que quem usa de meios pouco corretos para obter o que almeja tem de arcar com as consequências.

Com verbos
<i>Andar, e andar, e morrer a beyra</i> (col. 80)
<i>Paga o justo pelo peccador</i> (col. 801)
<i>Andar com fúção morto á caça</i> (col. 81)
<i>Buscar a tamara ao pé do feto, ou demandar cinco pés ao carneyro</i> (col. 171) ²¹
<i>Estar na aldeia e não ver as casas</i> ²² (col. 56)
<i>Costumou a velha o mel, comer o quer. Costumou os bredos, quer comelos</i> (col. 1071)
Provérbios com referência a animais
<i>Asno morto, ceuada ao rabo</i> (col. 123)
<i>Bolir com a maçã do escaravuelho</i> (col. 682)
<i>De hũa cajadada, matar dou coelhos</i> (col. 216)
<i>De rabo de porco nunca bom virote</i> (col. 903) ²³
<i>Gato escaldado de agoa fria tem medo</i> (col.581)
<i>Pella semana faz a raposa por onde ao domingo não vay á Igreja</i> (col. 907) ²⁴
<i>Peleção os touros, mal polas rãas</i> (col. 828)
<i>Pressa mete lebre a caminho</i> (col. 874)
<i>Quando te derem o bacorinho, tomao pollo baracinho</i> (col. 662)
<i>Sabe onde a bugia tem o rabo</i> (col.169)
Outros provérbios
<i>A bom entendedor, poucas palavras</i> (col. 6)
<i>Nas pressas se conhecem os amigos</i> (col. 76)
<i>Não ha atalho sem trabalho</i> ²⁵ (col.127)

²¹ Este provérbio equivale a “procurar o que inexistente”, motivo porque o lexicógrafo dá como sinónimo *Demandar cinco pés ao carneyro*. Segundo Machado (1996: 450), o provérbio regista as seguintes variantes: “Procurar sete pés ao carneiro ou asas ao burro”. No entanto, não conseguiu localizar o primeiro provérbio, equivalente deste.

²² Agostinho Barbosa informa ser adagio de Terêncio.

²³ Este provérbio equivale a dizer que do rabo do porco, devido ao seu formato, nunca se poderá fazer uma boa seta ou dardo (“virote”), o que significa, no plano mais abstrato ou metafórico, que existem ações ou atividades impossíveis de concretizar.

²⁴ O provérbio encontra-se em António Delicado (1651: 93). Sem grande vitalidade na oralidade, este provérbio conhece a seguinte variante “A raposa faz pela semana com que ao domingo não vá à igreja” (Machado 1996: 51).

²⁵ Segundo Machado (1996), este provérbio encontra-se na *Comédia Eufrosina* (1555) de Jorge Ferreira de Vasconcelos. Vide: Chacoto (2007).

<i>Na arca aberta, o justo pecca</i> (col. 103) ²⁶
<i>Em boca cerrada não entra mosca</i> (col. 158)
<i>Hoje não fião aqui, amanhã si</i> (col. 539)
<i>De dous males, se hade escolher o menor</i> (col. 690)
<i>A pedra, & a palavra, não se recolhe depois de lançada</i> (col. 824)
<i>Onde não vay donmo, não vay duelo</i> (col. 789)
<i>Sua cara defende sua pousada</i> (col. 195)
<i>A carro entornado todos deitão a mão</i> (col. 201)
<i>Azado he o pao pera colher</i> (col. 138)
<i>Casal de herdade dizimo a Deos</i> (col. 204)
<i>Ao roym, roym, & meyo</i> (col. 952)
<i>Mais tem mular de tolo, que de roym</i> (col. 1039)

Como referido antes, o provérbio possui autonomia sintática, podendo a sua estrutura ser mono ou bi-oracional. Na Tabela acima destacam-se *Onde não vay o donmo, não vay duelo*, provérbio bimembre em que o efeito rítmico deriva da repetição (advérbio de negação e verbo) nos dois membros do provérbio, e ainda, os seguintes provérbios, igualmente bimbembres: *Quem tolo vay a Santarem, tolo vem; Quem ama Beltrão, ama seu cão; Quem com o Diabo caua a vinha, com o diabo a uindima; Quem não tem que coma, hospede conuida*. A estrutura bimembre por vezes apoia-se na coordenação com copulativa, do tipo *Estar na aldeã e não ver as casas*. São mono-oracionais os seguintes: *De rabo de porco nunca bom virote; Paga o justo pelo pecador; Pressa mete lebre a caminho; Nas pressas se conhecem os amigos; Em boca cerrada não entra mosca; Sua cara defende sua pousada*²⁷; *A carro entornado todos deitão a mão*.

Alguns provérbios caracterizam-se pela ausência de núcleo verbal, consoante se observa nos seguintes: *Asno morto, ceuada ao rabo; Casal de herdade dizimo a Deos; De rabo de porco nunca bom virote* e *Ao roym, roym, & meyo* (col. 952). Estes exemplos provam bem que a ausência de um verbo não impede nem a lexicalização, nem a coesão semântica, nem, ainda, a autonomia textual destes enunciados.

²⁶ O provérbio entra no rol de Bento Pereira (1655: 111).

²⁷ Consta do elenco de Bento Pereira (1655: 121).

Por outro lado, dentre os exemplos coligidos na Tabela 1 destacam-se aqueles que, na segunda metade de Seiscentos, irão a engrossar os elencos fraseológicos de António Delicado e Bento Pereira. Assim, entre os menos conhecidos ou desusados nos dias de hoje, refiram-se *Quem ama Beltrão, ama seu cão* (col. 900), já arrolado por Delicado no capítulo dos enunciados relativos à “afeição”, e que figura igualmente entre os provérbios compulsados por Bento Pereira (1655: 118); *Pressa mette lebre a caminho* foi também averbado no adagiário de Delicado e, no século XVIII, no de Rolland (1780: 141); por sua vez, *Azado he o pao pera a colher* encontra-se na nomenclatura fraseológica do P. Bento Pereira (1655: 77).

De acordo com Machado (1996: 97), a parémia *asno morto, ceuada ao rabo* encontra-se já 1555, na *Comedia Eufrosina*. Por sua vez, “andar com furão morto á caça” constava quer do adagiário de António Delicado (1651), quer do *Florilégio* (1655), de Bento Pereira. Este provérbio significa que, servindo o furão, em contexto cinegético, para auxiliar o caçador a detetar as peças de caça, se estiver morto nada será caçado, donde, em sentido abstrato, se infere que uma empresa está condenada ao fracasso quando não reúne as condições necessárias. Para *buscar a tamara ao pê do feto*, Agostinho Barbosa oferece um provérbio semanticamente semelhante: *demandar cinco pes ao carneyro*. Com o significado de “homã auisado” (Barbosa 1611: col. 169), *Sabe onde o bugio tem o rabo* consta do rol de Bento Pereira (1655) e Francisco Rolland (²1841[1780]: 254), em ambos, porém, com a variante *Bem sabe este, onde a bugia tem o rabo*. *Pelejão os touros, mal polas rãs* foi recolhido por Rolland (1780: 290) com a variante seguinte: *Pelejão, os touros, mal pelos ramos*. O provérbio *Quem as bragas não ha em doyto, as costuras lhe fazem nojo* encontra-se no primeiro acervo fraseológico (Delicado 1651) e mantém-se em Rolland (1780: 49), que atualiza a grafia de Agostinho Barbosa (*doyto*), registando *douto*.

Cada uma das unidades fraseológicas arroladas acima contém um ensinamento prático ou uma lição moral que, por ser intemporal e geral, tanto serve para os antigos como para os modernos, ainda que, em certos casos, seja preciso substituir alguns dos referentes nelas mencionados por outros mais atuais.

Por último, é de salientar que boa parte dos provérbios reunidos na Tabela 1, por resultarem de um saber de experiência feito, veiculam uma lição moral destinada a morigerar os costumes ou a

servir de pauta para o comportamento nas relações sociais ou para a condução da vida pessoal, familiar e profissional. De facto, os provérbios retratam todos os contornos da natureza humana quer nas virtudes, quer nos defeitos e vícios. Vêm, por isso, muito a propósito os seguintes: *Quem com o Diabo caua a vinha, com o diabo a uindima; A carro entornado todos deitão a mão e Na arca aberta, o justo pecca.*

3.2. *Locuções no Dictionarium Lusitanicolatinum (1611)*

Se o número de parémias detetadas na obra de Agostinho Barbosa é significativo, por contraste com o de Jerónimo Cardoso, seu antecessor, mais expressiva ainda é a quantidade de locuções, também denominadas “expressões fixas” ou “cristalizadas”, a maioria das quais é tradicionalmente conhecida como “expressões idiomáticas” (EI). Com efeito, na prática lexicográfica dos séculos XVI e XVII o lema podia ser precedido por uma preposição ou por outras classes de palavras com as quais aquela constituía, consoante os casos, uma combinação fixa ou livre. Ora, nesta secção, serão analisadas expressões que, à luz da taxonomia de Corpas Pastor (1996 *passim*), se inscrevem entre os vários tipos de “locução”.

Acrescente-se, antes de mais, que à semelhança dos adágios compulsados por Agostinho Barbosa, também as unidades fraseológicas dotadas de idiomaticidade, virão a ser reunidas e organizadas, alfabética e tematicamente, no *Florilegio dos modos de falar e Adagios da Lingoa Portuguesa*, de Bento Pereira (1655), lexicógrafo cuja sensibilidade linguística determinou a destrição entre, por um lado, as “Frases Portuguesas” (Primeira Parte) ou “fraseologismos”, vale dizer, os enunciados que funcionam como constituintes sintáticos das orações em que se inserem, não possuindo um significado geral (Corpas 1996: 134) e, por outro lado, “[...] os Principais Adagios Portugueses, com seu Latim prouerbial correspondente”, isto é, as parémias.

Apesar de os provérbios e as locuções idiomáticas partilharem algumas propriedades, como referido antes, a distinção entre aqueles e estas revela-se na simples comparação de expressões como *Não fazer caso [...] Desprezar, que he o mesmo; Fazer caso, i. estimar, honrar, & venerar* (col. 206); *Boca de forno; Bem querer, he o mesmo, que amar* (col. 158); *Fazer banco roto i. quebrar o credito, & leuantarse cõ as diuidas* (col.), por um lado, e, por outro, enunciados como *Em boca cerrada não entra mosca* (col. 158); *De hũa cajadada, matar dous*

coelhos (col. 216) e *Quem torto nasce, tarde, ou nunca se endireyta* (col. 900). Entre as primeiras e as segundas, conquanto todas resultem de combinações ou seqüências de palavras, a diferença estriba em que umas não têm autonomia textual, integrando-se numa oração, ao passo que as outras têm plena autonomia sintática e textual.

À luz dos critérios taxonómicos adotados (Corpas 1996: 88-131), as locuções caracterizam-se pela sua institucionalização, estabilidade sintática e função denominativa (Corpas 1996: 89), e, por força da tradição, costumam ser classificadas de acordo com a função desempenhada na oração em que se inserem (Corpas 1996: 93). Por isso, as locuções são nominais, adjetivas, adverbiais, verbais, prepositivas, conjuntivas e “clausales”²⁸ (Corpas 1996: 94-110).

Fechado o parágrafo teórico, procede-se à análise de algumas das locuções incluídas na amostra extraída do *Dictionarium Lusitanicolatinum* (1611), de Agostinho Barbosa, e abaixo apresentadas na seguinte Tabela.

Tabela 5

Locuções nominais
<i>Alcanzia de fogo</i> (col. 54)
<i>Maço de cartas</i> (col. 682)
<i>Menina do olho</i> (col. 787)
<i>Pastel de carne</i> (col. 818)
<i>Resma de papel</i> (col. 936)
<i>Reste de alhos</i> (col. 939)

Dentre as expressões arroladas na Tabela acima, merece referência especial a primeira. Com marcação de antiga ou desusada, “Alcanzia de fogo” está averbada em Bluteau (1712: 223), com o significado de “bola oca de barro seco ao sol, do tamanho de laranja; enchese de cinzas, ou de flores, & com ella se faz tiro em jogo de cauhallo, & dando no cavalleiro, quebra”. A esta aceção acresce Houaiss (2001) uma outra, a saber, “projétil de barro cheio de matérias inflamáveis e explosivas que se lançava, como se fora uma granada, contra o inimigo”, a qual define, com efeito, “alcanzia de fogo”.

²⁸ Derivado de “cláusula”. Segundo Corpas Pastor (1996: 109), “Se trata de cláusulas provistas de un sujeto y un predicado que expresan un juicio, una proposición [...] no pueden formar enunciados por sí mismas”.

Relativamente às unidades que funcionam como um adjetivo ou que por ele podem ser substituídas, vejamos os exemplos abaixo.

Tabela 6

Locuções adjetivas
<i>Dado a molheres, aliàs affeyçoado</i> (col. 311)
<i>Dado á boa vida, & a passatemplos</i> (col. 311)
<i>Dado a vinho</i> (col. 311)
<i>Bom acerto, aliàs bom ensejo</i> (col. 22)
<i>Está claro, & manifesto</i> (col. 212)

Por sua vez, entre as unidades que desempenham a função de um advérbio ou a ele são equivalentes contam-se as seguintes.

Tabela 7

Locuções adverbiais
<i>Polo contrario</i> (col. 856)
<i>Por certo, ou certamente</i> ²⁹ (col. 293)
<i>De balde</i> (col. 318)
<i>De çurrate, i. ás escondidas</i> (col. 322)
<i>A boa fê</i> (col. 6)
<i>Aa letra</i> (col. 58)
<i>Algum tanto</i> (col. 60)
<i>A cabo de pouco tempo</i> (col.12)
<i>A cada passo</i> (col. 12)
<i>Amiúde</i> ³⁰ , <i>i. muytas vezes</i> (col.77)
<i>A medo, i. com medo</i> (col. 74)
<i>A contentamento</i> (col. 17)
<i>A furto, aliàs ás escondidas</i> (col. 39)
<i>A pe quedo</i> (col. 93)
<i>Apropriadamente, aliàs a propósito</i> (col. 100)
<i>De contino, aliàs continuadamente, ou muytas vezes</i> (col. 321)

²⁹ Em Houaiss (2001), “certamente” não tem datação.

³⁰ Além de “Amiúde”, que equivale a “repetidamente”, Bluteau (1712:340) regista a variante “amiúdo”, definindo “Amiudar” por meio de uma perífrase “fazer muytas vezes a mesma cousa”.

Molle a molle, i. pouco a pouco (col. 743)

São muitas e variadas as expressões ou locuções encabeçadas por um verbo. Delas se oferece uma pequena amostra.

Tabela 8

Locuções verbais
<i>Abanar moscas</i> ³¹
<i>Aparar o golpe</i> (col. 89)
<i>Andar de gatas</i> (col. 81)
<i>Andar de galope</i> (col. 80)
<i>Andar a pregão. Este Verbo significa estar posto em venda, que parece o mesmo, que andar a pregaõ</i> (col. 80)
<i>Arreganhar os dentes</i> (col. 112)
<i>Dormir a sesta, ou ao meyo dia</i> (col. 988)
<i>Fazer-se raposa, aliàs dissimular</i> (col. 907)
<i>Fazer castello de vento</i> (col. 207)
<i>Fazer tregos</i> (col. 1053)
<i>Fazer das tripas coração</i> (col. 258)
<i>Malhar em ferro frio, i. trabalhar de balde</i> (col.690)
<i>Meterse no patão</i> (col. 731)
<i>Meterse de gorra com alguém</i> (col. 731)
<i>Murar o gato, i. caçar ratos</i> (col. 758)
<i>Olhar de traues, ou por sobre o hombro</i> (col. 786)
<i>Pagar na mesma moeda</i> (col. 801)
<i>Passar a vao</i> (col. 1066)
<i>Passar o pè alem da mão, ou passar os limites</i> (col. 816)
<i>Puxar pella orelha</i> (col. 892)
<i>Ter na ponta da língua</i> (col.1030)
<i>Tirar da cabeça</i> (col. 1036)
<i>Tomar a cosso</i> (col.18) ³²
<i>Tornar á vacca fria</i> (col. 1043)

³¹ Em Bluteau (1712: 11) equivale a “enxotar”.

³² De “cosso” deriva o verbo acossar, isto, é “perseguir correndo”. Em Houaiss, “cosso” não está datado, mas o verbo “acossar” já está atestado em 1562.

Ver os touros de palanque (col. 1077)

Como é evidente, em “tornar á vaca fria” o verbo antigo foi substituído, na atual expressão, por “voltar”, sem alteração do seu valor semântico. Algumas das locuções acima são hoje desusadas, como acontece com “Meterse de gorra com alguém”, que significa “aliar-se com alguém para qualquer empresa ou insinuar-se no ânimo de alguém”; outras, porém, conquanto se não refiram necessariamente ao contexto que lhes deu origem, estão ainda bem ativas. É o caso de “Ver os touros de palanque”, vale dizer, ter prazer em assistir a um espetáculo ou situação comprometida sem se envolver. Recenseada por Bento Pereira (1655: 124) no século XVII, no elenco de Rolland (²1841[1780]: 90) aparece com a variante “Vede os touros de palanque”. A propósito de “meterse no patão”, Agostinho Barbosa remete para os adágios de Marcial, um dos Antigos citados no *Dictionarium*. Ora, de acordo com Houaiss (2001), a unidade “patão”, aumentativo de “pata” que nomeia um “tamanco grosseiro”, já estaria registada desde 1450-1516. Por sua vez, a unidade léxica “tamanco” figura na expressão “andar em tamancos” (col.80). Isto posto, a locução apontada pelo lexicógrafo corresponderá hoje a “Pôr-se nos tamancos”. A expressão “Lançar o pé além da mão”, cujo significado é esclarecido por Barbosa, foi recolhida no século XVII no *Florilegio* de Pereira (1655: 109) e, nos inícios da centúria seguinte, por Bluteau, que a inclui entre os provérbios textualizadores do lema “pé”.

Das expressões em que a coesão semântica da unidade é assegurada por uma preposição, vejam-se os exemplos reunidos na tabela a seguir.

Tabela 9

Locuções prepositivas
<i>Aa rebatinha</i> (col.109) ³³
<i>A par</i> (col. 90)
<i>A pedir de boca</i> (col. 93)
<i>A olhos vistos</i> (col. 87)
<i>Aa vontade</i> (col. 138)
<i>Aa pulos</i> (col.101)

³³ Significa “em disputa”. “Rebatinha”, segundo Houaiss, está atestada desde 1580.

<i>De mal em peor</i> (col. 690)
<i>De roldão</i> (col. 953)
<i>De fresco</i> (col. 561)
<i>Dos pés te a cabeça</i> (col. 820)
<i>Sem medida</i> (col. 980)

Como se desprende da própria designação, estas expressões são introduzidas por preposições e, se forem sujeitas à prova de substituição por outra(s), perdem o conteúdo semântico, pois o significado assenta na cristalização daquela combinação sintagmática, distinguindo-se, por isso, de outras possíveis. Assim, se em “à vontade” a preposição for comutada por “com”, não se mantém o valor semântico e pragmático da expressão.

Salvo duas, as locuções prepositivas acima estão ativas na língua atual. As exceções são “á rebatinha”, expressão antiga que significa “em disputa”, e cujo elemento nuclear – “Rebatinha” – tem a primeira atestação em 1580 (Houaiss 2001). Morais Silva (1813: 559) aponta duas textualizações para a mesma aceção – *deitar dinheiro ás rebatinhas*” e “*Venderse ás rebatinhas*” –, antes aduzida por Bluteau (1720: 135), que elucida o significado como segue: “ás rebatinhas, quando muyto povo junto toma arrebatando o que se lança promiscuamente das janelas dos Principes nas grandes festas, &.”. O lexicógrafo oferece uma textualização depois aproveitada por Morais Silva, a saber: *lançar dinheiro ás rebatinhas* (Bluteau 1720: 135). *A pedir de boca*³⁴, em Morais Silva regista uma variante que, no entanto, não interfere no significado da expressão: “A pedir por boca, ou a boca que queres; i. e. segundo o desejo, e como alguém quer” (Silva 1813: 285).

Como entradas (ou subentradas) autónomas, as locuções conjuntivas não abundam na nomenclatura de Agostinho Barbosa.

³⁴ É também um idiomatismo no espanhol atual.

Tabela 10

Locuções conjuntivas
<i>Ainda q̃ te peze .i. ainda q̃ não queiras</i> (col.47)
<i>Com tudo</i> (col. 251)
<i>Polo conseguinte</i> (col. 856)
<i>Postoque</i> (col. 863)

Por último, importa mencionar algumas das “fórmulas rutinarias” (Corpas 1996: 170-171) integradas na nomenclatura de Agostinho Barbosa. Trata-se de “fórmulas da via social” ou “frases habituais” que, por estarem associadas a determinadas situações da interação social, funcionam como verdadeiros estereótipos ou “orações rituais”, como acontece com *Boas noytes* (col. 157), *Boões dias* (col. 157) ou *Deos vos dé boõ dias* (col. 157), ainda que esta última fórmula não seja frequente na atualidade. Não menos estereotipadas são palavras e expressões para pedir desculpa – *perdão* (col. 837) – ou para pedir/invocar auxílio, como comprova *rogolhe por tí* (col. 950).

Conclusão

Na ótica daquilo que se conhece, *latu sensu*, como fraseologia, a amostra extraída do *Dictionarium Lusitanicolatinum* (1611), de Agostinho Barbosa, permitiu aquilatar o valor linguístico e historiográfico da obra do lexicógrafo vimaranense. Com efeito, enquanto catalogação alfabética do mundo, mais do que mero rol de palavras, o dicionário representa um repositório da cultura de uma época. No caso em apreço, atendendo sobretudo ao escasso volume de repertórios em vernáculo, que em português fica aquém da produção lexicográfica em outras línguas românicas, a obra de Agostinho Barbosa continua a requerer estudos que, sem se restringirem a aspetos da técnica lexicográfica, incidam em outras dimensões, especialmente nas relativas à variação e mudança no léxico e na fraseologia, de molde a conhecer-se a dinâmica inerente a esses âmbitos linguísticos. Para lá da aplicação de um modelo teórico e da respetiva taxonomia a um *corpus* do século XVII, procurou-se demonstrar em que medida um dicionário bilingue (*Lusitanicolatinum*) disponibiliza dados preciosos quer para a história do léxico, quer para a história das unidades fraseológicas da língua portuguesa.

Por outro lado, a análise da amostra revelou que os antigos dicionários ao acolherem a fraseologia, seja como textualização dos lemas, seja como unidades autônomas, refletem, por essa via, a dimensão mais viva, quotidiana e pragmática da língua.

Ficou igualmente provado que os antigos lexicógrafos tinham consciência da especificidade e utilidade tanto das parémiatas como das unidades fraseológicas, vale dizer, em consonância com a tradição gramatical, "expressões idiomáticas", motivo por que recorreram àquelas e a estas como abonação ou textualização das unidades lexicais.

Para finalizar, ter-se-á ainda demonstrado que a técnica lexicográfica e os procedimentos a ela inerentes se encontravam, no século XVII, em fase de aprimoramento, motivo por que o *Dictionarium Lusitanicolatinum*, de Agostinho Barbosa, é uma inestimável fonte para a história dos repertórios lexicais (e fraseológicos) e, também, para a da lexicografia, como atividade (meta)linguística da qual resultaram dicionários, antes mesmo da emergência de uma disciplina de lexicologia aplicada que respondesse pelo nome de Lexicografia. Isto posto, não restam dúvidas de que à produção dos antigos dicionários portugueses subjazia um vasto "saber" lexical que incorporava o patrimônio fraseológico e textual da língua portuguesa. A obra de Agostinho Barbosa é, inequivocamente, fruto desse "saber" metalexical e metalinguístico nos inícios de Seiscentos.

Bibliografia

- Almeida (1959): Justino Mendes de Almeida, "O primeiro lexicógrafo português da língua latina", *Euphrosyne*, II, pp. 139-152.
- Almeida (1965): Justino Mendes de Almeida, "Lexicógrafos portugueses de língua latina: Agostinho Barbosa: o segundo lexicógrafo português da língua latina", *Revista de Guimarães*, nº 75, pp. 31-40.
- Almeida (1967): Justino Mendes de Almeida, "A Prosódia de Bento Pereira", *Revista de Guimarães*, nº 77, 1/2, pp. 5-12.
- Almeida (1969): Justino Mendes de Almeida, "O *Vocabulario Portuguez, e Latino* de D. Rafael Bluteau", *Revista de Guimarães*, nº 79, 1/2, pp. 13-27.

- Almeida (2002): Justino Mendes de Almeida, “Jerónimo Cardoso, figura singular do humanismo Português”, in *Convénio Internacional de Estudos / Convegno Internazionale di Studi - Humanismo Latino na Cultura Portuguesa/ Umanesimo Latino nella cultura portoghese* (17 a 19 de Outubro de 2002, Universidade do Porto, Faculdade de Letras), Treviso, Fondazione Cassamarca. Disponível em:
<http://www.fondazioneccassamarca.it/wps/wcm/connect/713413004be222d3870de7432adf1e42/oporto+ottobre+2002.pdf?MOD=AJPERES> [última consulta: 1/05/2013].
- Alonso Ramos (2006): Margarita Alonso Ramos coord., *Diccionarios y fraseología*, Anejos de Revista de Lexicografía 3, Coruña, Servicio de Publicaciones.
- Bagão (2007): Maria Teresa de Sousa Bagão, “Os Adagiários”, in Telmo Verdelho & João Paulo Silvestre (org.), *Dicionarística Portuguesa, Inventariação e estudo do património lexicográfico*, Col. Theoria Poesis Praxis, Aveiro, Universidade de Aveiro, pp. 190-201.
- Barbosa (1611): Agostinho Barbosa, *Dictionarium Lusitanicolatinum iuxta seriem alphabeticam* [...], Bracharae, Typis, & Expensi Fructuosi Laurentij de Basto.
- Barbosa (1611[2007]): Agostinho Barbosa, *Dictionarium Lusitanicolatinum iuxta seriem alphabeticam* [...], 2ª edição, Fac-símile da edição de 1611, Braga, Universidade do Minho/Centro de Estudos Humanísticos.
- Bluteau (1712-1721): D. Rafael Bluteau, *Vocabulario Portuguez, e Latino*, Coimbra, Colegio das Artes da Companhia de Jesus, I (1712), II (1712), III (1713), IV (1713), V (1716); Lisboa, Officina de Pascoal da Silva, VI (1720), VII (1720), VIII (1721).
- Burger (2007): Harald Burger *et al.* (ed.), *Phraseologie / Phraseology: Ein internationales Handbuch zeitgenössischer Forschung / An International Handbook of contemporary research*, Berlin, De Gruyter.
- Cardoso (1562-1563): Jerónimo Cardoso, *Dictionarium ex Lusitanico in latinum sermonem*, Lisboa, João Alvarez.
- Cardoso (1569-1570): Jerónimo Cardoso, *Dictionarium Latinolusitanicum, et vive versa Lusitanicolatinum*, Coimbra, João de Barreira.

- Chacoto (2007): Lucília Chacoto, "Las paremias en la *Comedia Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcellos", *Seminario Internacional Colección Paremiológica – Madrid 1922-2007*, Madrid, Biblioteca Histórica Municipal, pp. 73-96. Disponible em: <http://www.madrid.es/UnidadesDescentralizadas/Bibliotecas/EspecialesInformativos/BiblioHistorica/CatalogosPublicaciones/ficheros/Seminario%20BHM2007.pdf> [última consulta: 12/03/2013].
- Colón-Domenech (2004): G. Colón-Domenech, "Los *Adagia* de Erasmo en español (Lorenzo Palmireno, 1560) y en portugués (Jerónimo Cardoso, 1570)", *Revista de Filología Española*, 84, nº 1, pp. 5-27.
- Corpas Pastor (1996): Gloria Corpas Pastor, *Manual de fraseología española*, Madrid, Gredos.
- Corpas Pastor (2000): Gloria Corpas Pastor, *Las lenguas de Europa: estudios de fraseología, fraseografía y traducción*, Granada, Comares.
- Corpas Pastor (2003): Gloria Corpas Pastor, *Diez años de investigación en Fraseología. Análisis sintáctico-semánticos, contrastivos y traductológicos*, Lingüística Iberoamericana Madrid, Vervuert.
- Delicado (1651): António Delicado, *Adagios Portuguezes, reduzidos a lugares communs, Lisboa, Na Officina de Domingos Lopes Rosa*.
- Fernández-Sevilla (1985): Julia Fernández-Sevilla, "Paremiología y lexicografía. Algunas precisiones terminológicas y conceptuales", *Philologia Hispaniensia. In Honorem Manuel Alvar*, II, Madrid, Gredos, pp.191-203.
- Gonçalves (2005): Maria Filomena Gonçalves, "Fraseologia no dicionário e dicionário fraseológico: o *Vocabulario de termos propios, e metaforicos em materias analogas* de D. Rafael Bluteau", *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, Colibri, pp. 615-623.
- Gonçalves (2009): Maria Filomena Gonçalves, "Contribuciones para el estudio de la Paremiología portuguesa: el *Florilegio dos modos de fallar, e Adagios da Lingoa Portuguesa* (1655), *Paremia*, 18, pp. 153-162.
- Haensch (1982): Günther Haensch, "Tipología de las obras lexicográficas", in Günther Haensch, L. Wolf, S. Ettinger, R. Werner, *La lexicografía. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica*, Madrid, Editorial Gredos.

- Head (2002): Brian Head, “O lugar de Agostinho Barbosa na lexicografia portuguesa”, in Brian Head, José Teixeira, Aida Sampaio Lemos, Anabela Barros e António Pereira (eds.), *História da Língua e história da gramática. Actas do Encontro*, Col. Poliedro 11, Braga, Universidade do Minho, pp. 153-162.
- Head (2003): Brian Head, “O registo de variantes linguísticas no *Dictionarium Lusitanicolatinum* (1611)”, *Diacrítica. Ciências da Linguagem*, 17:1, pp. 127-162.
- Head (2004): Brian Head, “Uma comparação de verbetes referentes a palavras portuguesas em dois dos primeiros dicionários de Português-Latim”, in Ana Maria Brito, Olívia Figueiredo e Clara Barros (eds.), *Linguística histórica e História da Língua Portuguesa. Actas do Encontro em Homenagem a Maria Helena Paiva*, Porto, Faculdade de Letras/Secção de Linguística do Departamento de Estudos Portugueses e de Estudos Românicos, pp. 129-151.
- Houaiss, Vilar e Franco (2001): Antônio Houaiss, Mauro de Salles Vilar e F. M. de Melo Franco, *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, 1.0., Rio de Janeiro, Instituto Antônio Houaiss, CDRom.
- Machado (1996): José Pedro Machado, *Grande livro dos provérbios*, Lisboa, Editorial Notícias.
- Messner (2012): Dieter Messner, “A obra lexicográfica de Bento Pereira” in Sara Marques Pereira e Francisco Vaz (coord.), *Universidade de Évora (1559-2009). 450 anos de modernidade educativa*, Lisboa, Chiado Editora, pp. 281-296.
- Porto Dapena (2002): José-Álvaro Porto Dapena, *Manual práctico de lexicografía*, Madrid. Arco/Libros.
- Postigo Aldeamil (2007): María Josefa Postigo Aldeamil, “Términos paremiológicos en el portugués de los siglos XVI y XVII”, in G. Conde Tarrío, *Nouveaux apports à l'étude des expressions figées*, Cortil-Wodon (Bélgica), E.M.E. & InterCommunications, pp. 205-217.
- Pratt (1917): Óscar de Pratt, “Nomes de ventos”, *Revista Lusitania*, XX, Lisboa, Clássica Editora, pp. 119-128. Disponível em: http://cvc.institutocamoes.pt/bdc/etnologia/revistalusitana/20/lusitan_a20_pag_119.pdf [última consulta: 12/03/2013].

- Puig de la Ballacasa ed. (2008): Ramón Puig de la Ballacasa ed., *Erasmus - Adagios del poder y de la guerra y teoría del adagio*, Barcelona, Alianza Editorial.
- Rolland (1780): Francisco Rolland, *Adagios, proverbios, rifãos, e anexins da Lingua Portuguesa. Tirados dos melhores authores nacionaes e recopilados por ordem Alfabetica*, Lisboa, Typographia Rollandiana.
- Rolland (2^a1841): Francisco Rolland, *Adagios, proverbios, rifãos, e anexins da Lingua Portuguesa. Tirados dos melhores autores nacionaes e compilados por ordem Alfabetica*, Nova edição correcta e aumentada, Lisboa, Typographia Rollandiana.
- Sevilla Muñoz (2012): Julia Sevilla Muñoz, "La fraseología y la paremiología en los últimos decenios", *LindRed – Lingüística en la Red*, Número Monográfico X, Madrid, Universidad Complutense, pp. 1-29. Disponível em: http://linred.es/monograficos_pdf/LR_monografico10-articulo3.pdf [última consulta: 2/05/2013].
- Silva (2^a1813[1922]): António de Morais Silva, *Diccionario da Lingua Portuguesa recopilado dos vocabularios impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado, e muito acrescentado por [...]*, 2 tomos, Lisboa, Na Typographia Lacerdina, Fac-simile da segunda edição (1813), Edição comemorativa do Primeiro Centenário da Independência do Brasil, sob a direcção de Laudelino Freire, Rio de Janeir, Officinas da S. A. Litho-Typographia Fluminense.
- Teyssier (1980) : Paul Teyssier, Jerónimo Cardoso et les origines de la lexicographie portugaise, *Bulletin des Etudes Portugaises et Brésiliennes*, vol. 41, pp. 7-32.
- Thun (1978): Harald Thun, *Probleme der Phraseologie*, Tübingen, Max Niemeyer Verlag.
- Verdelho (1994): Telmo Verdelho, "Portugiesisch Lexikographie", *Lexikon der Romanistischen Linguistik*, Band VI, 2, Tübingen, Max Niemeyer, pp. 673-692. Disponível em: <http://www.instituto-camoes.pt/cvc/hlp/biblioteca/lexicon3.pdf> [última consulta: 18/12/2012].
- Verdelho (1995): Telmo Verdelho, *As Origens da Gramaticografia e da Lexicografias Latino-Portuguesas*, Aveiro, INIC.

- Verdelho & Silvestre (2007): Telmo Verdelho & João Paulo Silvestre eds., *Dicionarística portuguesa. Inventariação e estudo do património lexicográfico*, col. Theoria Poiesis Praxis, Universidade de Aveiro.
- Vieira (1871-1874): Fr. Domingos Vieira, *Grande Dicionario Portuguez ou Thesouro da Língua Portugueza*, 5 vols, Porto, Editores, Ernesto Chardron e Bartholomeu H- de Moraes.
- Wotjak (1998): Gerd Wotjak, *Estudios de fraseología y fraseografía del español actual*, Vervuert.
- Wray (2002): Alison Wray, *Formulaic Language and the Lexicon*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Zuluaga (1980): Alberto Zuluaga, *Introducción al estudio de las expresiones fijas*, Frankfurt a. M.-Bern-Cirencester/U.K., Studia Románica et Linguistica, Verlag Peter D. Lang.